

Um país em compasso de espera

Instabilidade da moeda paralisa negócios. No Rio, R\$ 500 milhões em investimentos são adiados

Bernardo de la Peña, Érica Fraga, Marcelo Rehder, Aguinaldo Novo e Cristina Canas

RIO e SÃO PAULO

Enquanto as cotações do real oscilam como num maremoto, a economia brasileira está encailhada na praia. Alarmados com o ritmo de desvalorização e a remarcação de preços, empresários suspendem os negócios com clientes e fornecedores e engavetam planos de investimentos à espera de um horizonte mais claro. A ordem é aguardar a estabilização do câmbio e tentar descobrir, afinal, que impacto o valor definitivo do dólar terá nos custos das empresas.

Por enquanto, a queda-de-braço por preços entre fornecedores e o comércio impede novas encomendas. É o caso, dos eletroeletrônicos e material de construção civil, cujos pedidos estão parados há duas semanas.

— Estamos nos reunindo todas as semanas com as lojas tentando achar um nível ideal de preços, mas as oscilações são grandes e os negócios não são fechados — diz o diretor de um grande fabricante nacional de eletrodomésticos. Estas indústrias estão tentando compensar a valorização do dólar com aumentos que chegam a até 30%, em alguns casos. Em reação, o varejo suspendeu novas encomendas e os estoques em algumas redes estão se esgotando. O consumidor já tem dificuldades para encontrar alguns modelos de videocassetes, televisores de 20 polegadas e mini-systems.

Indefinição sobre preços faz faltar alguns produtos nos supermercados

Em meio à discussão entre fornecedores, que querem aumentar preços, e varejistas, que não aceitam produtos mais caros, algumas mercadorias começam a sumir das prateleiras dos supermercados, como biscoitos e café. A Latasa, fabricante de latas de alumínio, está com seus negócios paralisados porque as fábricas de cerveja se negam a comprar as embalagens com os preços mais altos.

A história se repete no setor de varejo de material de construção, que parou de comprar artigos de alumínio, plástico, vidro e aço. Os aumentos chegam a até 30%, em alguns casos, e as empresas temem que os produtos possam sumir das lojas.

— O consumidor resolveu se prevenir e antecipou as compras. O movimento está 15% acima do normal para esta época do ano e os estoques estão diminuindo — conta Cláudio Conz, presidente da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção.

No setor de embalagens, os empresários tomaram uma decisão de emergência. Para não suspender novas entregas, estão propondo aos clientes que as vendas fiquem com os preços em aberto.

Geralmente, as encomendas são faturadas entre 30 e 45 dias. Quando chegar o dia do pagamento, a empresa vai calcular se no período houve variação dos custos das matérias-primas importadas. Cerca de 30% das embalagens usadas no país têm componentes vindos de fora.

— Esta foi a saída para evitar o repasse precipitado de um aumento de custos — diz o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens, Sérgio Habermeld.

A falta de perspectivas econômicas mais claras está atingindo também os

planos de investimento das empresas. Segundo levantamento da Firjan, três das 15 principais empresas que iriam investir no estado até 2001 colocaram os projetos de molho. Com isso, aproximadamente 10% dos investimentos previstos estão suspensos, por enquanto. Dos cerca de R\$ 5 bilhões que o Rio receberia, R\$ 500 milhões irão para a gaveta.

— As empresas estão reorganizando seus planos. O importante é que grandes projetos de longo prazo, como o do Pólo Gás Químico e os investimentos da CSN estão mantidos. Além disso, empresas como o Estaleiro Mauá desistiram

de investir agora, mas não cancelaram seus planos — explica Samuel Cruz, gerente de Infra-Estrutura e Investimentos da Firjan.

O Grupo Inepar, que tem negócios na área industrial, de energia e telecomunicações e faturou R\$ 1,2 bilhão em 1998, também resolveu colocar alguns investimentos na lista de espera.

— Temos projetos que serão retardados. Não vamos entrar em nenhum outro negócio até que a situação melhore. Cautela é a palavra de ordem — diz o presidente do grupo, Atilano Oms Sobrinho.

Pesquisa divulgada pela Associação

Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca) mostra que 24 dos 60 empresários que compõem seu conselho diretor prevêm redução de investimentos nos próximos seis meses. Muitas empresas estão adiando investimentos para saldar dívidas em dólares, que ficaram mais altas depois da alteração do câmbio. Segundo a Abrasca, o estoque da dívida externa do setor privado chega hoje a US\$ 140 bilhões. ■

• AEB: DESVALORIZAÇÃO NO RITMO ATUAL NÃO GARANTE MAIORES GANHOS ÀS EXPORTAÇÕES *página 34*